



VALORES E VIRTUDES A CULTIVAR PARA A SUSTENTAÇÃO DA PAZ

Maria Luísa Ribeiro Ferreira

Caderno 26

Fundação Betânia

Março – 2015

www.fundacao-betania.org

VALORES E VIRTUDES A CULTIVAR PARA A SUSTENTAÇÃO DA PAZ

*A Manuela Silva convidou-me a apresentar uma reflexão sobre "Os valores a cultivar para a sustentação da paz". A minha comunicação deu-se no encontro promovido pela Fundação Betânia, nos dias 15 e 16 de Fevereiro, intitulado **A Paz: uma construção inadiável que a todos responsabiliza**. O presente texto procura dar conta dos temas abordados nessa reflexão, ocorrida no dia 16. Não se trata de um texto académico sobre valores e virtudes mas sim de um conjunto de apontamentos que partilhei com um grupo de pessoas. Deverá ser entendido no seu contexto, ou seja, como pretexto para o estabelecimento de um diálogo com o público. E o tom, como seria de esperar, é coloquial, reconstituindo tão fielmente quanto possível o que então foi dito. Utilizei, indiferentemente, os termos valores e virtudes, uma identificação que se justifica pelo entendimento das segundas como disposição para bem agir em função de valores, correspondendo portanto à dimensão prática dos mesmos.*

Irei centrar-me realisticamente, no âmbito do quotidiano de cada um(a) de nós. Não vou falar da paz entre as nações nem vou fazer uma conferência sobre a paz. O meu ponto de partida é a oração de S. Francisco que a todo(as)s proponho relembrar:

Senhor, fazei de mim um instrumento da Vossa Paz.

Onde houver ódio que eu leve o Amor;

Onde houver ofensa que eu leve o Perdão;

Onde houver discórdia que eu leve a União;

Onde houver dúvida que eu leve a Fé;

Onde houver erro que eu leve a Verdade;

Onde houver desespero que eu leve a Esperança;

Onde houver tristeza que eu leve a Alegria;

Onde houver trevas que eu leve a Luz

Senhor, fazei que eu procure mais consolar que ser consolado;

Compreender, que ser compreendido;

Amar, que ser amado.

Pois é dando que se recebe, é perdoando que se é perdoado

e é morrendo que se ressuscita para a Vida Eterna

Oração de S. Francisco

Penso que esta oração encerra uma proposta de vida e que se a seguíssemos teríamos a paz. Há nela um cultivo dos valores e das virtudes que constituem a chave para uma convivência pacífica. Os tópicos que selecionei inscrevem-se num contexto filosófico. É o espaço em que me movo melhor pois nele tem decorrido grande parte da minha vida. Foi pois a partir da filosofia que escolhi nomes susceptíveis de nos ajudar neste diálogo que organizei em 5 pontos, correspondentes a diferentes virtudes/valores que nos identificam como seres humanos cuidadores da paz:

1. A atenção ao outro

2. A compaixão

3. A justiça

4. O cuidado

5. A responsabilidade

1.

Começamos pela **ATENÇÃO AO OUTRO**. A atenção é estarmos despertos perante a vida, perante o que nos rodeia, o que nos permite agir e o que nos leva a tomar decisões. A atenção tem a ver com as circunstâncias, com os outros, com os pequenos gestos de bondade que nos passam despercebidos, com a felicidade. Mas também com a beleza do mundo, com o sofrimento e com as ocorrências de injustiça e de pecado.

A filósofa Simone Weil foi particularmente sensível às diferentes modalidades da atenção. Esta implica a suspensão do pensamento:

"A atenção consiste em suspender o pensamento, em deixá-lo disponível, vazio e penetrável pelo objecto, em manter próximos do pensamento, mas a um nível inferior e sem contacto com ele, os diversos conhecimentos adquiridos que somos forçados a utilizar." Simone Weil, *Attente de Dieu* (pp. 92-93).

Devemos estar atentos à presença de Deus no mundo mas também à presença neste mundo do mal e do pecado, perante os quais não podemos ser cúmplices. Há que combater o silêncio perante o mal do mundo. É inadmissível fingir que não o vemos. Esse mal existe e constitui uma provocação, um desafio e um convite à acção. A

atenção ao outro é entendida pela filósofa como uma consequência da atenção a Deus. O amor ao próximo manifesta-se como uma espécie de comunhão com Deus. Simone Weil elegeu como seu próximo os pobres da sua sociedade - os operários das fábricas com os quais voluntariamente partilhou as condições precárias de vida e o cansaço de um trabalho desinteressante e monótono. Foram também o seu próximo os camponeses pois com eles trabalhou na faina agrícola de cuja dureza participou, passando largas temporadas a cultivar a terra.

A atenção aos outros e o desejo de partilhar os seus sofrimentos e preocupações levou-a ao despojamento total, ao desenraizamento da sua condição de intelectual burguesa, bem-nascida e sem problemas de subsistência. Levou-a ao despojamento do seu eu pois como escreveu em *La Pesanteur et la Grâce*: "O pecado em mim diz eu" (ob. cit, p. 40). Nesta obra a filósofa propõe-nos uma aprendizagem da atenção, uma aceitação do vazio e um despojamento (*détachement*). Nela aconselha o combate à imaginação fantasiosa que nos impede de ver a realidade. Para tal é-nos proposta a secundarização do nosso eu e uma atenção a Deus, uma espera da actuação deste em nós, o que é desenvolvido em *Attente de Dieu*. Aqui, a atenção tem Deus como objecto último, colocando-se como abertura e não como esforço. Os pobres são os que melhor participam dessa atenção a Deus e aos outros.

As causas que Simone Weil abraçou e defendeu e o seu empenhamento político ligam-na sempre à religiosidade e mesmo à mística, porque a atenção extrema é religiosa. Mas tal facto não conduz ao afastamento do mundo. A atenção que a filósofa nos propõe é extremamente exigente e radicalmente comprometida, podendo mesmo levar ao sacrifício da própria vida.

2.

"Contemplando a multidão, encheu-se de compaixão por ela, pois estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor." Mt 9, 36

Só os humanos experimentam este sentimento de **COMPAIXÃO**, uma sintonia com os outros, conducente à responsabilidade e ao cuidado. Há um impulso básico que nos

leva a sair de nós, um sentimento de humanidade - os povos de língua inglesa chamam-lhe *humanity* - que implica colocarmo-nos na pele do outro, pensando como ele pensa, sofrendo como ele sofre, partilhando as suas alegrias e tristezas. Numa palavra, sendo solidários.

A compaixão vem do latim *passio* (paixão), deriva de *pati* (padecer, sofrer) e significa padecer com alguém, participar dos seus desgostos, sofrer a sua dor, estabelecer com o outro uma relação de simpatia e/ou de empatia. Compadecer-nos é colocarmo-nos no lugar do outro, é encarar a dimensão relacional como constitutiva da condição humana. É uma projecção no outro daquele que somos, passando a entendê-lo como um eu, semelhante a nós. Por isso a compaixão recusa o egoísmo, a distração e a indiferença; por isso ultrapassa o egoísmo natural e torna-nos solidários. No dizer de André Comte-Sponville:

"A compaixão é essa virtude singular que nos abre não apenas a toda a humanidade mas ao conjunto dos vivos, ou, pelo menos, dos que sofrem."

Comte-Sponville *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes* (p. 122).

Deixando agora a filosofia e entrando no registo literário, lembro um personagem repugnante, um ser totalmente destituído de compaixão, à volta do qual se constrói o romance de Gonçalo M. Tavares *Aprender a rezar na era da técnica*. Trata-se do Dr. Lenz Buchmann, um médico competentíssimo por quem todos os seus doentes manifestam uma admiração desmedida, aliada ao reconhecimento pelo modo eficiente como ele os salva dos seus padecimentos. Num dos primeiros capítulos deste livro há uma doente moribunda que pretende avisar os filhos do estado terminal em que está. Eles estão longe e ela não tem possibilidade de lhes falar. Escreve-lhes então uma carta a relatar a situação e pede ao médico que a deite no correio. Lenz Buchmann aceita e recebe a carta mas vai protelando o seu envio. À medida que os dias passam fica cada vez mais convencido que este gesto não pertence ao seu estatuto de médico, cuja função é apenas a de tratar doentes e de investigar. A mulher entretanto morre sem ver os filhos. E o médico justifica a sua omissão porque, segundo Gonçalo M. Tavares:

"Aquele mundo não era de facto o seu mundo, não era da sua física, da sua ciência, não pertencia ao mundo das suas máquinas de efeitos espantosos (...) não pertencia sequer ao mundo mais orgulhoso dos animais, ao mundo dos cavalos fortes."

Gonçalo M.Tavares, *Aprender a rezar na era da técnica* (p. 75).

Esta ideia de uma raça de sobre-humanos aparece em Nietzsche que considera o cristianismo uma religião de escravos e de fracos, censurando-lhe a dimensão compassiva:

"Chama-se ao cristianismo a religião da compaixão. A compaixão está em contradição com as emoções tónicas, que aumentam a energia do sentimento vital: tem um efeito depressivo. Perde-se força quando se compadece."

Nietzsche, *O Anticristo em Obras Escolhidas de Nietzsche*, VII (p. 13).

Contrariamente a esta aproximação da compaixão e da passividade, sublinho as virtualidades dinâmicas da primeira pois ela é algo que nos faz agir. Ao pretender minorar o sofrimento alheio recusa-se a aceitá-lo como uma fatalidade e leva-nos a sair do nosso eu egoísta. É verdade que a compaixão tem sido afastada da esfera política, temendo-se que ela venha alimentar a categoria dos pobres, dos destituídos e humilhados, aceitando-os como inevitáveis. Mas ser compassivo não implica aceitação. Pelo contrário, ser compassivo é o primeiro degrau para uma actuação eficaz e interventiva; representa um desafio à ordem das coisas e não se desliga da justiça.

3.

John Rawls é talvez o filósofo mais citado por quem pretende teorizar o problema da **JUSTIÇA**. Sobre o seu livro *A Theory of Justice*, escrito em 1971, podemos elencar mais de 5.000 estudos e recensões. Nesta obra Rawls defende a justiça como equidade e convida-nos a imaginar a seguinte situação fictícia: uma sociedade ideal em que nós próprios escolheríamos os princípios éticos que deveríamos valorizar e as leis a que teríamos que obedecer. À semelhança de Hobbes que séculos antes falara de um estádio imaginário da sociedade caracterizado pela luta de todos contra todos, Rawls

convida-nos a ficcionar uma "posição original" (*original position*) em que as diferentes partes escolheriam os valores dominantes, ignorando o papel que desempenhariam numa sociedade futura, desconhecendo mesmo se seriam homens ou mulheres, ricos ou pobres, sãos ou enfermos. Apenas saberiam que seriam criaturas racionais e que pretenderiam ser tão livres e felizes quanto possível. Esta teoria, conhecida como "o véu da ignorância" (*veil of ignorance*) valoriza a equidade. Como tal preocupa-se essencialmente com os direitos dos indivíduos e com as instituições que permitam o usufruto de tais direitos. Rawls propõe-nos essa situação ideal em que pudéssemos escolher imparcialmente o que é justo para todos. O que exigiria um entendimento dos seres humanos face ao conceito de justiça.

Não vou aqui desenvolver as teorias rawlsianas. Irei antes considerar duas filósofas contemporâneas que confrontaram justiça e compaixão: Hannah Arendt e Miriam Revault d'Allones.

Hannah Arendt entendeu a compaixão como uma espécie de condescendência e criticou a sua interferência na esfera pública pois ao valorizá-la como virtude política cairíamos no perigo de identificar pobreza e virtude e de cultivar a passividade. A nossa luta deve orientar-se em prol da justiça. Compadeceremo-nos é aceitar como natural uma situação e pode levar a que nada façamos para que ela se modifique. A compaixão é uma virtude individual enquanto a política implica a vivência dos homens uns com os outros. A compaixão e a piedade que por vezes Arendt refere como "humanidade" (*humanity*) considerando-a uma perversão da compaixão, pertencem ao foro privado enquanto a justiça é para ela uma exigência do foro público. Hoje assistimos a uma irrupção massiva dos pobres e dos deserdados da cena política, sendo esta absorvida pela questão social. Assim, o político adquire uma dimensão caritativa e a justiça apaga-se em favor da caridade. Para esta filósofa, a compaixão é irrelevante na política e podemos mesmo dizer que ela lhe é prejudicial:

"Não nos é possível analisar aqui os prejuízos que a compaixão causou às revoluções modernas através dos esforços para melhorar a sorte dos pobres em vez de instaurar a justiça para todos. (...) A humanidade (*humanity*) dos humilhados e ofendidos é absolutamente irrelevante em termos políticos."

Hannah Arendt, *Homens em Tempos Sombrios* (pp. 24,27).

Também a filósofa francesa Myriam Revault d' Allonnes se interessou pelas consequências nocivas da compaixão quando transposta para a política, considerando-a um perigo pois pode transformar-se em piedade fácil, anestesiando as revoltas contra as injustiças e impedindo a construção de um mundo mais justo:

"Falar de sofrimento, de miséria, de infelicidade, deixando de falar de injustiça e de desigualdade é abrir caminho para um tratamento compassivo que não esclarece politicamente o abandono individual ou colectivo."

Myriam Revault d'Allonnes, *L'homme Compassionel* (p.64).

Para Myriam Revault d'Allonnes há uma hipertrofia da dimensão compassiva que a leva a aproximar-se da piedade, o que é perigoso para uma governação que se pretende justa. A compaixão é ambivalente pois por ela encaramos os outros como carentes, classificamo-los como destituídos e aprisionamo-los na sua situação de assistidos instaurando uma política de caridade. A justiça desenrola-se no espaço público e neste a questão social não pode ser ignorada. A cidadania impõe como requisitos certos direitos como sejam: o direito ao trabalho; o direito à educação; a segurança na saúde; a dignidade das reformas; o respeito pelas diferenças culturais e religiosas, numa palavra, o respeito pela dignidade do ser humano.

Pessoalmente entendo que hoje assistimos a uma inversão de valores quando os cidadãos são colocados em segundo plano perante os interesses do Estado. Este não pode tomar decisões em função de uma lógica do deve e do haver, em que os indivíduos são parcelas de um cálculo, em que se aceitam como inevitáveis os despedimentos, as deslocalizações e a concentração das riquezas numa minoria. Não subscrevo a identificação entre compaixão e condescendência e não considero que esta seja incompatível com a justiça. O olhar compassivo sobre o outro é indispensável para estabelecer com ele uma relação de empatia. Esta, desencadeia o desejo de alterar o *statu quo* e leva-nos a personalizar as injustiças o que é uma motivação eficaz porque nos estimula a lutar por um mundo melhor. Somos responsáveis pela criação

de uma nova ética que satisfaça os desejos legítimos de todos, em ordem à vivência plena da dignidade humana. Nessa ética as leis que criamos nunca deverão esquecer que visam seres concretos e que as instituições integram pessoas. A política é responsável pelo bem-estar dos cidadãos e pelo cuidado dos outros, o que nos leva à consideração de uma outra virtude - o cuidado.

4.

Se atendermos à etimologia do termo **CUIDADO** vem do latim *cura*, significando entre outras coisas o encargo por algo ou por alguém, a inquietação amorosa, o tratamento. *Cuidare* é curar, preocupar-se com, olhar por. Antigamente também na nossa língua se usava cuidar com o sentido de amar, gostar de.

Hoje cuidar implica um conjunto de atitudes, uma diversidade de significados ligados com a protecção, a vigilância e o amor. Cuidar prende-se com os afectos, com a empatia e com a generosidade. Como escreve Boff:

"Cuidar é mais do que um acto, é uma atitude. Portanto abrange mais do que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, de preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afectivo com o outro."

Leonardo Boff, *Saber Cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra* (p. 33) ¹

A atitude de cuidar também se orienta para nós próprios. Diria mesmo que em primeiro ela se orienta para nós, considerando-nos criaturas de Deus, feitas à sua imagem e semelhança. O núcleo que constitui o nosso eu deve ser respeitado por nós e pelos outros. A humilhação e a auto-humilhação constituem atentados à dignidade humana. Desdenhar quem somos é um primeiro passo para desdenhar dos outros. A regra de ouro formulada no Levítico é depois retomada no Novo Testamento:

"(...) amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Lv 19,18)

¹ As citações desta página bem como o início da página seguinte seguem muito de perto a obra referida de Leonardo Boff.

"O que quiserdes que vos façam os homens fazei-o também a eles, porque esta é a Lei e os Profetas" (Mt 7,12)

"O que quiserdes que os homens vos façam fazei-lho vós também" (Lc 6,31)

"Porque tive fome e destes-Me de comer; tive sede e destes-Me de beber; era peregrino e recolhestes-Me; estava nu e destes-Me de vestir; adoeci e visitastes-Me; estive na prisão e fostes ter Comigo"(Mt 25, 34-36)

A pessoa é um fim em si mesma. Como dizia Kant, não podemos tratarmo-nos e tratar os outros como meios mas sim como fins. Cuidamos dos outros quando não os pensamos de um modo abstracto, como multidão, quando consideramos que cada um é um eu, semelhante a nós.

O cuidado do outro é um valor presente em todas as grandes religiões. Vemo-lo no Budismo no cuidado pelo Universo em geral; no Judaísmo no acolhimento ao estrangeiro; no preceito da esmola proclamado pelo Islamismo; no apelo caritativo que o Cristianismo faz em múltiplas passagens das quais é paradigmática a parábola do Bom Samaritano (Mt 25, 35-36). Os textos acima referidos poderiam ser subscritos por todas as religiões do mundo e ainda hoje comovem os homens e as mulheres de boa vontade.

As mulheres sempre se revelaram com cuidadoras por excelência. Entre as múltiplas éticas feministas têm um particular relevo as éticas do cuidado. Na impossibilidade de aqui as referirmos ou de elencarmos as mulheres que ao longo dos tempos se destacaram em actividades de cuidado, lembramos dois passos do Novo Testamento onde a atitude de cuidado aparece tocante na sua banalidade e em que Maria, Mãe de Jesus, é a principal protagonista. Destaco assim a visita de Nossa Senhora a sua prima Isabel, relatada em Lucas 1, 39-56. Bem como o episódio das Bodas de Caná em Jo 2, 1-11. A actuação de Maria nestas duas situações é representativa da atenção feminina ao pormenor, às carências alheias, à resposta eficaz e gratuita. A Mãe de Jesus percebe que é responsável pela felicidade e pelo bem-estar dos outros. O que nos leva a

considerar uma outra virtude essencial para a convivência pacífica - a responsabilidade.

5.

Logo no início do Antigo Testamento a nossa atenção volta-se para a **RESPONSABILIDADE**, com o episódio bíblico de Caim e de Abel:

"O Senhor disse a Caim, onde está Abel, teu irmão? Caim respondeu: não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão? (Gn, 4,9)

O cuidado torna-nos responsáveis não só pelas pessoas mas também pelo mundo. No começo do século XXI as Nações Unidas propuseram o *Pacto do Milénio*, um compromisso de responsabilidade para acabar com a pobreza no mundo. A meta foi colocada em 2015. A presente crise distraiu-nos do compromisso de cuidar do mundo e de sermos responsáveis por ele.

A responsabilidade pelos outros estende-se pois a todos os seres vivos e não vivos do nosso planeta; ultrapassa portanto uma dimensão antropocêntrica. Já no Génesis Adão é-nos apresentado como o guardião e o cuidador do Paraíso. Com o desenvolvimento da ciência e da técnica perdemos o sentido da responsabilidade cósmica e trocámos o estatuto de cuidadores pelo de utilizadores.

O filósofo Hans Jonas chamou-nos a atenção para a responsabilidade que temos perante as gerações futuras. Para ele a Natureza está no centro de uma ética política pois a ética deixa de se situar num campo exclusivamente humano:

"O imperativo categórico de Kant afirmava: "Age de tal modo que possas igualmente querer que a tua máxima se torne numa lei universal." (...) Um imperativo adaptado ao novo tipo de agir humano e que se dirige a um novo tipo de sujeitos de acção enunciar-se-á mais ou menos assim: "Age de modo que os efeitos da tua acção não sejam destruidores para a possibilidade de uma vida autenticamente humana sobre a terra." Hans Jonas, *Le principe responsabilité* (p. 40)

Para Jonas o Bem ultrapassa as fronteiras do humano e estende-se a todo o planeta. O filósofo lembra-nos que somos responsáveis pela biosfera, o que implica ultrapassarmos o tempo presente e projectarmo-nos no futuro do mundo, de cuja integridade teremos que dar contas. Os fundamentos da ética são repensados atendendo aos tempos futuros, nos quais há que atender à destruição ecológica, à engenharia genética, à ameaça nuclear. Os seres humanos têm deveres para consigo mesmos e para com os seus semelhantes mas também os têm para com o ambiente e para com a posteridade. Hoje estamos conscientes do potencial destrutivo da civilização técnica que criámos, estamos conscientes da nossa vulnerabilidade. Há um imperativo ético que nos torna responsáveis pelo futuro e o filósofo realça o dever de uma acção colectiva e responsável perante as novas gerações. Há que repensar o mundo em que habitamos se pretendemos que ele continue a ser a casa das gerações futuras.

Encontramos este mesmo sentido de responsabilidade pelo mundo em Maria de Lourdes Pintasilgo. Também ela considera que a humanidade está em risco. O mundo deve ser pensado como o lugar de todos e somos responsáveis pelo seu futuro, construindo um novo equilíbrio entre os seres humanos e a Natureza e exigindo uma qualidade de vida em que humanos e não humanos sejam respeitados. O mundo industrializado é responsável pela depredação ecológica e o desafio que se nos levanta é o de estabelecer um novo equilíbrio sustentável com a Natureza, zelando pela qualidade do ar, da água, da atmosfera, das florestas, da biodiversidade:

"Necessitamos de um novo equilíbrio, capaz de harmonizar os diferentes grupos etários durante a transição demográfica em curso; de um equilíbrio activo entre os seres humanos e a Natureza; de um equilíbrio revitalizado entre o mundo criado e as diferentes formas de energia espiritual que rodeiam e sustentam o nosso mundo."

Maria de Lourdes Pintasilgo, *Cuidar o Futuro* (p. 37).

"No plano internacional, a responsabilidade pela degradação do ambiente, criou novas divergências ideológicas, entre o Norte e o Sul, a nível internacional; entre os ricos e os pobres (ou aqueles que falavam por eles) a nível nacional." *Ibidem* (p. 297)

No seu livro *Cuidar o Futuro*, Maria de Lourdes Pintasilgo alerta-nos para as responsabilidades que temos na construção de um novo paradigma. O subtítulo desta obra é *Um programa radical para viver melhor*. Transponho este subtítulo para o tema que nos preocupou neste encontro da Fundação Betânia e diria "Um programa radical para viver em paz". A paz, essa construção inadiável que a todos responsabiliza.

BIBLIOGRAFIA

(a que recorri para preparar esta exposição):

d'Allonnes, Myriam Revault, *L'homme Compassionel*, Paris, Seuil, 2008.

Arendt, Hannah, *On Violence*, New York, Harcourt, Brace & Company, 1969.

Arendt, Hannah, *Homens em Tempos Sombrios*, Lisboa, Relógio d'Água, 1991.

Bíblia Sagrada, Lisboa, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 1988.

Boff, Leonardo, *Saber Cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Petrópolis, Vozes, 1999.

Comte-Sponville, André, *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*, Lisboa, Presença, 1995.

Ferreira, Maria Luísa Ribeiro, "O cuidado do outro: responsabilidade e compaixão" in Alfredo Teixeira (org.) *Quereis oferecer-vos a Deus? Ciclo de Conferências 2011-2012*, Santuário de Fátima, 2013, pp. 53-72.

Jonas, Hans, *Le principe responsabilité*, Paris, Champs, 2013.

Jankélévitch, Vladimir, *Traité des Vertus*, Paris, Champs-Flammarion, 1986.

Lévinas, Emmanuel, *Entre nous. Essais sur le penser-à-l'autre*, Paris, Bernard Grasset, 1991.

Nietzsche, *O Anticristo, Obras Escolhidas de Nietzsche*, VII, Lisboa, Círculo dos Leitores, 1997.

Pintasilgo, Maria de Lourdes, *Para um Novo Paradigma: Um Mundo Assente no Cuidado* (Antologia de Textos), Porto, Afrontamento, 2012.

Pintasilgo, Maria de Lourdes, *Cuidar o Futuro. Um programa radical para viver melhor*, Lisboa, Trinova, 1998.

Rawls, John, *A Theory of Justice*, Oxford, Oxford University Press, 1972.

Ricoeur, Paul, *Soi-même comme un autre*, Paris, Seuil, 1990, p. 226.

Rollet, Jacques, "Mal et Compassion" *Revue d'Éthique et Théologie Morale, Mal et Compassion*, 172, 2, Paris, Cerf, 1990, pp. 97-107.

Tavares, Gonçalo M., *Aprender a rezar na Era da Técnica*, Lisboa, Caminho, 2007.

Thévenot, Xavier, "La compassion: une réponse au mal?" *Revue d'Éthique et Théologie Morale, Mal et Compassion*, 172, 2, Paris, Cerf, 1990, pp. 79-96.

Weil, Simone, *Attente de Dieu*, Paris, Le livre de poche chrétien, 1950.

Weil, Simone, *La Pesanteur et la Grâce*, Paris, Plon, 1993.

Weinstein, M., *Globalization: what's new?*, New York, Columbia University Press, 2005.

Maria Luísa Ribeiro Ferreira

Fundação Betânia, Rodízio, 16.02.2015